



## A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO: REFLEXÕES DE UMA ANÁLISE DIALÉTICA

Thaís Godoi de Souza  
Agencia financiadora: CAPES  
uemr6@hotmail.com  
Caroline Mari de Oliveira  
Agencia financiadora: CAPES  
(UEM)

### Resumo

O presente estudo investigou o estado da produção do conhecimento em educação e contribuições do método dialético a interpretação da realidade educacional. Para alcançar esse propósito utilizamos algumas categorias de análise do materialismo histórico dialético, de Karl Marx e Friedrich Engels, com o intuito de mostrar suas contribuições à produção do conhecimento em educação. Bem como, autores que contribuíram na crítica à hegemonia, ao pragmatismo neoliberal e ao pluralismo metodológico, como Cury (1985), Mazzotti (2001), Charlot (2006), Kuenzer e Moraes (2005) e Duarte (2006), e outros autores que se sustentam pelo materialismo histórico dialético. A literatura sobre a produção do conhecimento em educação, nos apresentou que as investigações tem se voltado a sociedade do mercado, atendendo aos interesses das classes dominantes. Notamos que a teoria marxiana auxilia na compreensão dos fenômenos atuais e é referência principal para análises conjunturais e para a luta dos trabalhadores. O método dialético, bem como suas categorias de análise, são instrumentos de compreensão da realidade social que auxiliam a pesquisa científica a elaborar suas teses e perceber que a educação, bem como, outros fenômenos da vida social são apropriados pelo capital, para reproduzir o seu discurso e velar suas contradições de classes.

**Palavras-chave:** Materialismo histórico dialético. Produção do conhecimento. Educação.

### Introdução

O presente estudo investigou o estado da produção do conhecimento em educação e algumas considerações do método dialético a interpretação da realidade educacional. Para alcançar esse propósito utilizamos algumas categorias de análise do materialismo histórico dialético de Karl Marx e Friedrich Engels, com o intuito de mostrar suas contribuições à produção do conhecimento em educação. Bem como, em autores que contribuíram na crítica à hegemonia, ao pragmatismo neoliberal e ao pluralismo metodológico, como Cury (1985), Mazzotti (2001), Charlot (2006), Kuenzer e Moraes (2005) e Duarte (2006) e outros autores que se sustentam pelo materialismo histórico dialético.





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

A educação, bem como, os estudos científicos estão calcados e hegemonizados pelas classes dominantes, assim essas classes produzem ferramentas conceituais para manterem o consenso e a coesão social. Tonet (2007) adverte que é por meio de atividades educativas, compreendidas por ações mais pontuais, que podemos realizar com caráter emancipatório, a crítica a realidade posta. É possível nos espaços públicos, nas escolas, nas universidades, fazer críticas a teorias reformistas, contra-revolucionárias, promover eventos, que estejam engajados na luta política e ideológica que pensem a educação na perspectiva da emancipação humana. A educação não é o motor de transformação social, ela contribui para o processo, mas não é o carro-chefe (TONET, 2007).

As reformas educativas implementadas, em especial na década de 1990 e que vigoraram nos anos 2000, na América Latina “[...] são decorrentes, do processo de reestruturação pelo qual passa o capitalismo mundial sob a égide dos princípios do neoliberalismo” (NETO; RODRIGUEZ, 2007, p.13). Estas reformas culminaram em intervenções, com “[...] intensos processos de descentralização; a criação dos sistemas nacionais de avaliação de desempenho e de valorização docente; as reformas curriculares; as novas formas de gestão dos sistemas de ensino” (NETO; RODRIGUEZ, 2007, p.15).

Isso significa que o capital transformou tudo em mercadoria, inclusive a educação, para que tudo funcionasse a imagem e semelhança da sociedade burguesa. O capital mostra-se aos sujeitos sociais como única alternativa societal, e para aqueles que querem uma sociedade mais justa, solidária e harmônica, sugerem o aperfeiçoamento do capitalismo atual, com a instauração da cidadania e democracia (TONET, 2007).

Para melhor compreensão desse processo, estruturamos o texto em dois momentos, no primeiro, trazemos as discussões sobre a produção de conhecimento em educação no Brasil, a partir dos estudos de Mazzotti (2001), Charlot (2006), Kuenzer e Moraes (2005) e Duarte (2006). No segundo e, último momento, apresentamos as contribuições do método dialético para a análise da realidade, trazendo excertos dos escritos de Marx e Engels e os subsídios teóricos de Cury (1985), para orientarem as pesquisas científicas no campo educacional.





## A Produção do Conhecimento em Educação

Nesse tópico utilizamos a discussão da produção de conhecimento em educação no Brasil, a partir dos estudos de Mazzotti (2001), Charlot (2006), Kuenzer e Moraes (2005) e Duarte (2006). Os autores apresentam o estado das pesquisas científicas e, sua falta de comprometimento com as questões teórico-metodológicas, o que implica em investigações com pouca relevância ao meio acadêmico e social.

As mudanças ocorridas nas investigações científicas são decorrentes das mudanças conjunturais do capitalismo, em especial, em sua fase imperialista que inicia no século XIX e perdura no século XX e XXI, caracterizado pelo capital financeiro, que prima por obter lucros acima do previsto, se desviar dos efeitos da queda da taxa de lucro, expandir a produção e se desenvolver pela égide dos monopólios financeiros. A partir dos anos de 1970, o capital, transforma seu modo de organização do trabalho, substitui o modelo fordista pela acumulação flexível, a qual prima pela produção em larga escala e a desterritorialização da produção.

Segundo Antunes (2005) a crise do modelo de produção se caracterizou por uma crise estrutural do capital, pela diminuição da taxa de lucro, da incontornabilidade do sistema<sup>1</sup> e pela sua lógica destrutiva. Em resposta a esta crise “[...] iniciou-se um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal” (ANTUNES, 2005, p.31). Toda essa reestruturação segundo o autor gerou consequências, como desemprego, precarização do trabalho e destruição da natureza em escala global.

Referente ao campo educacional observamos que as políticas educacionais para o século XX e XXI estão inseridas no domínio das transformações econômicas e políticas, o que as tornam flexíveis e adaptadas ao mercado, aliando-se a hegemonia burguesa e a sociedade de classes. A educação é apropriada por organismos multilaterais, os quais propõem metas, princípios e valores associados à ordem global e ao capital. É apontada como solução para as desigualdades sociais,

---

<sup>1</sup> Incontrolabilidade refere-se às dificuldades cada vez mais acentuadas (a cada crise) para manter o controle da ordem capitalista, devido as suas crises estruturais e contradições de seu sistema (ANTUNES, 2005).





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

para o alívio da pobreza e da melhoria da qualidade de vida, do crescimento econômico e do desenvolvimento de capacidades individuais.

A educação, assim como outros setores da vida social, integra a sociedade de classes, e é determinada pelo modo de produção dominante. A educação é um fenômeno dialético, é inerente a sociedade humana e se origina do processo da gênese do homem, “[...] desde que o homem é homem, ele vive em sociedade e se desenvolve pela mediação da educação” (SAVIANI, 1997, p.01). A partir da década de 1980 a educação sofre ataques diretos e indiretos no seu cotidiano “obedecendo” aos ditames do capital, as orientações de organismos multilaterais e adaptando-se a sociedade de mercado, reafirmando as relações antagônicas de classes.

Dessa mesma forma a produção do conhecimento se sujeitou as contradições da vida social e aos interesses do capital. Conforme Kuenzer e Moraes (2005), na área educacional as pesquisas científicas, passaram na década de 1990 a não apresentar o embate com a realidade, carecendo de rigor epistemológico, afastando-se do conteúdo crítico, caracterizando-se por simples descrições e, estratégias de intervenção para solucionar casos imediatos. Kuenzer e Moraes (2005) declaram que a pesquisa científica e o sistema educacional se colocaram como ferramentas utilitárias e compensatórias a sociedade.

Mazzotti (2001) aborda a questão das deficiências nas pesquisas em educação, afirmando que essas são decorrentes da pobreza teórico-metodológica, que permeiam tanto o processo quanto o resultado das pesquisas. As pesquisas produzidas apresentam os seguintes problemas:

- a) pobreza teórico-metodológica na abordagem dos temas, com um grande número de estudos puramente descritivos e/ ou “exploratórios”; b) pulverização e irrelevância dos temas escolhidos; c) adoção acrítica de modismos na seleção de quadros teórico-metodológicos; d) preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados; e e) divulgação restrita dos resultados e pouco impacto sobre as práticas (MAZZOTTI, 2001, p.40).

Esses problemas perpassam os estudos da pós-graduação brasileira, incluindo as pesquisas docentes e discentes de abordagem qualitativa e quantitativa. Desse modo, Mazzotti (2001) afirma que todas as deficiências apontadas estão inter-relacionadas. Para a autora, a pobreza teórico-metodológica identificada nas pesquisas persistem pelos pesquisadores aderirem aos modismos da educação, pela busca de aplicação dos resultados de forma imediata, por procurar o





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

problema de pesquisa na prática cotidiana e pelo desconhecimento das discussões epistemológicas. Salienta ainda que a consequência desses fatores resulta em falta de interesse por esses estudos, sua restrição à publicação e pouco impacto na prática educacional.

Mazzotti (2001) destaca que é essencial uma revisão bibliográfica, não aos moldes tradicionais, de citar diversos autores sem evidenciar realmente a contribuição do estudo, mas do diálogo com a literatura, no exercício de fazer a crítica, apontando subsídios e discordâncias. Ao analisar essas questões Mazzotti (2001) alega que a preocupação dos estudos tem sido a descrição densa dos sujeitos e contextos da pesquisa, e somente essa ação para a autora, não garante a transferência do conhecimento, é preciso avaliar a conjuntura posta, as dificuldades que aqueles sujeitos enfrentam e qual a contribuição dessa produção de conhecimento àquela concretude, o que pode ser aproveitado e o que pode ser aplicado em outras realidades. A produção de conhecimento deve ser algo transmissor, ou seja, que o estudo produzido possa ser aplicado em outras realidades, favorecendo a construção coletiva do conhecimento (MAZZOTTI, 2001).

A ocorrência da distância da epistemologia, do recuo à teoria, e adoção de modismos, se devem as mudanças constatadas no conceito de ciência e de método científico. A ausência de critérios para delimitar a ciência, desorientou muitos pesquisadores, ocasionado, segundo Mazzotti (2001, p.47) o tudo pode e “vale-tudo” nas investigações científicas. A responsabilidade dos docentes e pesquisadores dos programas de pós-graduação não pode ser suavizada. A autora ainda acrescenta que:

Não podemos abrir mão do compromisso com a produção de conhecimento confiáveis, pois só assim estaremos contribuindo, tanto para desenvolver o instrumental teórico no campo da educação como para favorecer tomadas de decisão mais eficazes, substituindo as improvisações e os modismos que têm guiado as ações em nossa área. Nesse sentido, a busca da relevância e do rigor nas pesquisas é também uma meta política (MAZZOTTI, 2001, p.49).

Charlot (2006, p.10), na mesma perspectiva, avalia a questão das especificidades e desafios da educação apresentando que a área possui uma organização administrativa conjunta, mas não uma epistemologia específica, caracterizando-se como “um espaço saturado de discursos diversos e múltiplos”. Pois, os discursos que reinam na área da educação, conforme Charlot (2006), negam a legitimidade de um discurso científico, estão sempre em busca de resolver problemas





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

pedagógicos, técnicas para solucionar as dificuldades cotidianas, bem como explicar a realidade a partir de fenômenos macros.

Charlot (2006) confessa que a educação é um triplo processo, compreende o educar, o aprender e o ensinar. O autor atenta que é necessário progredir na pesquisa educacional, ter avanços, coisas novas. Isso pode ser concretizado, criando uma frente da pesquisa, construir um arquivo coletivo da pesquisa da educação para que se tenha acesso e se produza estudos inéditos.

Assim:

Tornou-se urgente constituir um arquivo coletivo da pesquisa em educação e definir uma ou várias frentes de pesquisa. Acredito que, no Brasil, esse é um trabalho que deveria ser assumido pela ANPEd, talvez em parceria com o CNPq e com outras instituições (CHARLOT, 2006, p.18).

Kuenzer e Moraes (2005) elaboram discussões acerca de questões teórico-metodológicas que permeiam a produção do conhecimento em educação. O tempo da pós-graduação diminuído, a análise quantitativa e o surto produtivista, a limitação às disciplinas, a acessibilidade a temas e a literaturas originais. Esses fatores prejudicaram a formação de qualidade, banalizou a produção de conhecimento na área fragilizando as dissertações e teses produzidas na área da educação. Na pesquisa ocorrem simples descrições e narrativas, levantamento de dados fenomênicos e estratégias de intervenção para solucionar casos imediatos.

[...] o método de produção do conhecimento é um movimento do pensamento que, no e pelo pensamento, parte da apreensão de um primeiro nível de abstração composto pela vital, empírica, caótica e imediata representação do real, e tem, como ponto de chegada, formulações conceituais cada vez mais abstratas. Estas, de volta ao empírico e imediato ponto de partida, podem apreendê-lo como totalidade ricamente articulada e compreendida, mas também como prenúncio de novas perspectivas, apenas intuídas, que levam o presente a novas buscas e formulações a partir da dinâmica histórica que articula o já conhecido ao presente e anuncia o futuro (KUENZER e MORAES, 2005, p.1353).

A produção do conhecimento em educação abarca um ecletismo teórico e metodológico, as investigações não buscam a apreensão das questões conjunturais, sociais e epistemológicas. As visões de mundo e cotidiano são fragmentadas, falta rigor epistemológico. Cury (1985) nos ajuda a entender essas deficiências e fatos que vem ocorrendo nas investigações científicas, para ele a educação tem sido ferramenta essencial para implantação e consolidação da hegemonia, disseminando por meio dos estudos científicos a obtenção do consenso, no intuito de velar as

3757





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

diferenças entre classes e pregar a igualdade. Nessa perspectiva “[...] a hegemonia é a capacidade de direção cultural e ideológica que é apropriada por uma classe, exercida sobre o conjunto da sociedade civil, articulando seus interesses particulares com os das demais classes, de modo que eles venham a se constituir em interesse geral” (CURY, 1985, p.48).

Kuenzer e Moraes (2005) apontam que o pragmatismo, os sincretismos e as narrativas comprometem a fundo a produção de conhecimento na educação, dessa forma é necessário levantar as discussões e a atualidade sobre a temática, para que as posições sejam esclarecidas e não se tornem naturalizadas.

A discussão de Duarte (2006) trata sobre a formação do intelectual nos programas de pós-graduação em educação, levantando questões de como eles estão sendo formados e em que perspectiva teórica. Duarte (2006) declarou que há carência de debate sobre o tipo de intelectual que vem e está sendo formado nos cursos de mestrado e doutorado:

Mas, se por um lado, há uma carência de discussões sobre esse tema, por outro lado, o processo de avaliação dos programas de pós-graduação pela CAPES, somado ao universo ideológico pós-moderno e neoliberal, não se fazem rogados e subordinam a formação dos mestres e doutores em educação às demandas do mercado ou do estilo acadêmico que esteja na moda, o que acaba sendo a mesma coisa, pois os estilos acadêmicos também significam fatias de mercado na venda de livros, de cursos, de palestras e de tantas outras mercadorias consumidas pelos educadores e pelas instituições educacionais (DUARTE, 2006, p.90).

Para Duarte (2006) os programas submetem os docentes a uma formação voltada ao mercado de trabalho, visto que, a ordem social é burguesa, pós-moderna e neoliberal, o que ocasionou a questão do recuo da teoria, isto é, o afastamento do conteúdo crítico e rigor epistemológico, onde não há embate e enfrentamento com a realidade nas dissertações e teses. Duarte (2006) reivindica um debate crítico sobre o intelectual que está sendo formado nos cursos de pós-graduação em educação e do seu processo formativo nesse espaço. O autor considera que a sociedade forma intelectuais, no intuito de colocá-los a serviço da reprodução material e espiritual da ordem burguesa,

Essa ampliação do quadro das atividades intelectuais indispensáveis à sociedade burguesa tornou cada vez mais necessário um complexo sistema escolar que se ocupasse da formação desses intelectuais, desde ao mais simples e técnicos até os mais elevados graus da atividade científica. A sociedade organiza a formação dos





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

intelectuais com o objetivo de colocá-los a serviço tanto da reprodução material como da reprodução espiritual da sociedade burguesa (DUARTE, 2006, p.92).

O autor destaca ainda, que é necessário haver uma relação orgânica entre as pesquisas que são produzidas nos programas de pós-graduação em educação e a socialização desse conhecimento produzido ao sistema educacional. E “[...] a formação do intelectual crítico não dispensa o auxílio de uma teoria crítica” (DUARTE, 2006, p.94). Nesse sentido, o autor define que as teorias críticas em educação, são aquelas que permitem e entendem a necessidade de superação da sociedade vigente. Essas teorias procuram entender como e com que intensidade a educação contribui para a reprodução dessas relações de dominação. “Todas as teorias críticas têm em comum a busca de desfetichização das formas pelas quais a educação reproduz as relações de dominação, pois entendem isso como fundamental para a própria luta contra essas relações” (DUARTE, 2006, p.94).

Assim todo intelectual crítico deve ter ciência que seu trabalho na sociedade capitalista trará a contradição entre humanização e alienação. Pois a sociedade capitalista é constituída de contradições e é considerada o motor de desenvolvimento da luta de classes, “tais contradições se revelam no papel motor da luta de classes na transformação social. É através deste jogo pugnativo que a sociedade avança” (CURY, 1985, p.33). A contradição é a categoria base de uma metodologia dialética, e considerada o elemento-chave da sociedade, negá-la significa entender a realidade de forma metafísica, pois cada coisa, objeto ou fenômeno, exige a existência de seu contrário. O real é uma unidade de contrários, que contempla diversas totalidades. Dessa forma o mundo das relações é um todo dialético que constitui-se de vários fenômenos que se ligam a todo momento e não estão isolados. A eliminação da contradição em análises de fenômenos torna a mesma unilateral, já que os contrários não existem sem o outro. A contradição gera a superação, e dessa ação, nasce uma nova síntese. “É o novo, agora tornado presente no processo. Por isso, toda unidade e luta de contrários é relativa e superável” (CURY, 1985, p.33).

Duarte (2006) traz que o intelectual crítico deve se contrapor as políticas e práticas escolares que prezam pela seletividade do melhor aluno e dos destaques escolares. É indispensável que esse intelectual assuma uma atitude frente às desigualdades no sistema educacional e, busque defender um currículo escolar que permita a apropriação do conhecimento





## **IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**

**Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5**

historicamente produzido pelo homem, à crianças, jovens e adultos. Pois se sabe, que as instituições de ensino brasileiras reproduzem a política neoliberal, capitalista e hegemônica, o que impregna a prática pedagógica e as formas de pensamento dos educadores (DUARTE, 2006).

A reprodução dos interesses dominantes é necessária para a manutenção das relações de poder entre as classes sociais. E o capital busca reproduzir suas condições de acumulação, visto que, a forma histórica de produção é também a forma da sua reprodução, “[...] sem acumulação de capital, o modo de produção capitalista não existiria” (NETTO; BRAZ, 2011, p.135). A educação nesse processo atua como mediadora, reproduzindo e fortificando os ideais e valores do capital. Reprodução significa “[...] criar condições para que o levado (trazer, rendido, fabricado, taxado) se reitere de novo em favor de alguém, ainda que implique mudança” (CURY, 1985, p.38).

O sistema não busca somente a reprodução de suas relações de produção, mas também as relações sociais, atingindo todas as esferas da sociedade. Para Cury (1985), a reprodução se dá no conjunto das contradições inerentes a essas relações, num conflito que hoje se amplia e se aprofunda em escala mundial. Ela se dá no interior de um movimento contraditório, na busca de admitir as contradições existentes e também a sua superação. Destarte, Duarte (2006) propõe que os programas de pós-graduação em educação adéquem as suas atividades, no intuito de promover estudos e pesquisas que contribuam para a universalização do conhecimento científico, artístico e filosófico para a escola pública, gratuita e laica.

A vida cotidiana é composta por diversas atividades e aprendizagens, no decorrer da vida temos uma formação que vai se construindo e gerando uma história. Essa formação pode ser prejudicada pelas relações sociais conflituosas que estão postas no sistema capitalista e os valores humanos passam a se inverter. O cotidiano nas instituições de ensino reproduz as formas alienadas da sociedade, que se distancia muito do conhecimento científico e de qualidade. O cotidiano passa a ser restrito no meio de tantas demandas, com isso o que precisava ser gratificante, como a elevação do nível cultural de conhecimento, passa a se transformar numa hierarquia de atividades (DUARTE, 2006).

As condições institucionais colocadas pelos programas de pós-graduação em educação não são condições favoráveis à formação de um intelectual crítico. Não há indicação que essa situação será modificada à curto prazo, pois essa é uma demanda que não valoriza o capital, não é





## **IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**

**Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5**

geradora de mais-valia, isto é, não resulta em otimização na nota dos programas e não envolve retorno material a ele. Porém, é uma luta a ser travada, para fortificar a qualidade da formação da educação e construir gradativamente a superação da ordem vigente.

A educação como todos outros elementos da sociedade, integra as relações sociais e não está separado dele. É preciso entender a educação e o ser humano no processo dialético, pois ela é “[...] uma atividade humana participe da totalidade da organização social”, é determinada por um modo de produção dominante (CURY, 1985, p.13).

### **Considerações Sobre o Método Dialético**

Os argumentos de Mazzotti (2001), Charlot (2006), Kuenzer e Moraes (2005) e Duarte (2006), discutem um período histórico marcado por transformações da sociedade de classes, pautada nas concepções neoliberais. É atribuída a educação a partir da década de 1980, o papel de redenção social, estratégia política e econômica capaz de alcançar o desenvolvimento e a redução da pobreza. O surto produtivista, o recuo das questões teórico-metodológicas, da epistemologia, a adoção de modismos, as longas descrições e a distância da teoria crítica, produzida pelas investigações científicas, integram os princípios burgueses e teorias incorporadas à área educacional para sua reprodução. Diante esse fenômeno imposto a educação, trazemos reflexões acerca do método dialético, por ser uma abordagem possível de interpretação da realidade, bem como, da realidade educacional.

É com Karl Marx, cientista social, filósofo e militante político alemão, que se inicia uma abordagem histórico-social a respeito da interpretação da existência da humanidade. O método conhecido como materialismo histórico dialético, interpreta a realidade a partir de categorias que permitem realizar a análise, partindo do empírico, do objeto tal como se apresenta. Marx (1980), parte do princípio de que a produção e a troca de bens materiais constituem a base de toda ordem social, não são as ideias que determinam o comportamento do homem, mas a forma que os homens participam da produção de bens. Toda a ciência seria supérflua se a aparência das coisas fosse totalmente idêntica a sua natureza, assim o método de Marx e Engels pretende





**IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”**  
**Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5**

desvelar o real aparente e chegar ao concreto real. Para isso é preciso um método capaz de guiar um caminho para se chegar ao conhecimento de determinada realidade (CORAZZA, 2003).

É na *Ideologia Alemã*<sup>2</sup> que Marx e Engels, trazem princípios fundamentais de seu método. Analisam as condições de vida do homem, sendo determinadas pelo modo de produção capitalista. No primeiro capítulo da referida obra, Marx e Engels realizam uma crítica ácida a Feurbach<sup>3</sup>, colocando a oposição entre a concepção materialista e idealista da história. Os autores trouxeram indícios de seu método, dizendo que não é com o discurso que se muda o mundo real, é preciso estabelecer relação da filosofia teórica com o meio material que se vive. Os homens ao produzirem seus meios de existência, produzem indiretamente a sua própria vida material, isso Marx (1983, p.149-150) denominou de trabalho, o qual é caracterizado como uma de suas principais categorias de análise do modo de produção capitalista,

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. Ele mesmo se defronta com a matéria natural como força uma força natural. Ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporalidade, braços e pernas, cabeça e mão, a fim de apropriar-se da matéria natural numa forma útil para sua própria vida. Ao atuar por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita ao jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 1983, p.149-150).

Desse modo os homens são e manifestam sua vida dependendo das suas condições materiais de produção, “[...] esta produção só aparece com o aumento da população e pressupõe a existência de relações entre os indivíduos” (MARX, 1980, p.19). Aqui mora a diferença do materialismo histórico para as outras concepções teóricas (metafísica, moral, religião, idealismo). Marx e Engels partem de premissas reais, representada pelos homens “[...] não isolados, nem fixos de uma qualquer forma imaginária, mas apreendidos no seu processo de desenvolvimento real em condições determinadas, desenvolvimento este que é visível empiricamente” (MARX, 1980, p.26).

Marx e Engels alegam que o primeiro fato histórico é a produção dos meios das necessidades básicas, como, comer, dormir, se abrigar, vestir, condição essa de [...] produção da

<sup>2</sup> Ideologia Alemã, obra produzida por Karl Marx e Friedrich Engels em 1845-1846. Marx e Engels criticam o idealismo de Feurbach, afirmando que esse produzia ideias falsas e dogmas, que se firmavam no teocentrismo na Alemanha.

<sup>3</sup> Ludwig Andreas Feurbach, idealista e filósofo alemão, foi aluno de Georg Friedrich Hegel.





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

própria vida material; trata-se de um fato histórico, de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário tanto hoje como há milhares de anos, executar dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos (MARX, 1980, p.33).

Em a *Contribuição a crítica da economia política* (1983), Marx explica a categoria do concreto para investigar um método científico. O método parte do empírico, do objeto tal como se apresenta. Nesse momento o objeto é visto numa visão caótica, confusa, desordenada, não sabe como se constituiu, apresenta-se como um problema. Por meio de análises chega-se a conceitos mais simples, não mais como uma representação caótica de um todo, mas como a síntese de múltiplas determinações. O autor cita o exemplo da população para explicitar o método,

[...] se começássemos pela população teríamos uma visão caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto figurado passaríamos a abstrações cada vez mais delicadas até atingirmos as determinações mais simples. Partindo daqui, seria necessário caminhar em sentido contrário até se chegar finalmente de novo a população, que não seria, desta vez, a representação caótica de um todo, mas uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas (MARX, 1983, p.218).

Para isso é preciso um método capaz de guiar um caminho para se chegar ao conhecimento de determinada realidade (CORAZZA, 2003). O método dialético é o método da economia política e pode ser dividido em duas fases “[...] o caminho de ida ao concreto real empírico, ao abstrato e o caminho de volta do abstrato ao concreto reconstruído pelo pensamento, o concreto pensado” (CORAZZA, 2003, p.43). Esse método, Marx denominou de cientificamente correto, em a *Contribuição à crítica da economia política*, 1983, declarando ser um meio para o conhecimento verídico, representado pelo concreto real.

Kuenzer e Moraes (2005) alegam que o uso do método dialético e suas categorias de análise, se empregados de forma coesa na investigação científica, garante desvendar fatos e fenômenos reais que não são visíveis, pois nosso cotidiano é feito de crenças silenciosas e de aceitação de evidências que não questionamos. Destarte o estudo das categorias do método dialético auxilia a apreensão das questões conjunturais, sociais e epistemológicas na pesquisa. Visto que, elas são ontológicas, funcionam e operam efetivamente na vida em sociedade e possuem existência real, histórico-concreta. São compostas de realidade e movimento, pertencem





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

ao campo do conhecimento e dos aspectos objetivos do fenômeno (CURY, 1985). As categorias não são fragmentadas, se completam e estão articuladas como uma relação mútua e permitem uma visão mais compreensiva do real.

Notamos que a teoria marxiana auxilia na compreensão dos fenômenos atuais e é referência principal para análises conjunturais e para a luta dos trabalhadores. O método dialético, bem como suas categorias de análise, como o trabalho, a práxis, a contradição, a reprodução e a totalidade são instrumentos de compreensão da realidade social que auxiliam a pesquisa científica a elaborar suas teses e perceber que a educação, bem como, outros fenômenos da vida social são apropriados pelo capital, para reproduzir o seu discurso e velar suas contradições de classes. Os homens manifestam suas ações pelas formas de relações que produzem um com outro e com seus instrumentos de trabalho, pois são seres sociais e produto histórico das formações sociais. Notamos desse modo, que as condições materiais são determinantes para o homem produzir sua história e modificá-la.

### Considerações Finais

Os detentores dos meios de produção, no intuito de velar suas contradições de classes, criam mecanismos para equiparar as desigualdades sociais. A pesquisa científica assim como a educação e outros direitos sociais são apropriados pelo capital para reproduzir o seu discurso e se manter como ordem social. As pesquisas na esfera educacional tornaram-se apenas uma ferramenta de organização do texto, o qual não dialoga com a conjuntura que está inserida. A retórica da homogeneidade e igualdade entre os sujeitos, integra a ideologia posta na ordem vigente. Porém essa categoria tem caráter distinto para a classe dominada e dominante, para a primeira funciona como mecanismo de superação e deve ser problematizada, para a segunda é uma ferramenta de controle que precisa ser mantida e reproduzida.

O materialismo parte do princípio de que a produção e a troca de bens materiais constituem a base de todo o sistema social. Articulado a esse processo declararam que os homens fragmentados em classes são determinados pelas relações de produção o que modifica a vida social, política e intelectual. Com essa concepção materialista da história, tornaram-a uma ciência.





## IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Apesar das obras de Marx e Engels pertencerem a um determinado período histórico, notamos que a teoria marxiana traz o destaque da história, do movimento dialético, das condições materiais que determinam a vida, do modo de produção que influencia diretamente nas relações sociais. É por meio da ação, que o homem cria e transforma o mundo humano, a história e a si mesmo, o que o torna diferente dos outros seres. A resolução dos problemas sociais só serão solucionados por meio da prática, representada pela força e dispêndio de energia do gênero humano.

### Referências

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 7ª reimpressão. São Paulo: Boitempo editorial, 2005.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. In: Revista **Brasileira de Educação**, v.11, n.31, p.07-18, Jan/Abril. 2006. Rio de Janeiro.

CORAZZA, Gentil. O caminho de volta do abstrato ao concreto-uma introdução ao método da economia política em Marx. In: CORAZZA, Gentil (org). **Métodos da Ciência Econômica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.p.43-60.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição**: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985.

DUARTE, Newton. A pesquisa e a formação de intelectuais críticos na pós-graduação em educação. In: Revista **Perspectiva**, v.24, n.1, p.89-110, Jan/Jun. 2006. Florianópolis.

KUENZER, Acácia Zeneida; MORAES, Maria Célia M. Temas e tramas na pós-graduação em educação. Revista **Educação e Sociedade**, v.26, n.93, p.1341-1362, Set/Dez 2005. Campinas.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. Revisão de Carlos Roberto Nogueira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n.113, p.39-50, Jul/2001.

NETO, Antônio Cabral; RODRIGUEZ, Jorge. Reformas educacionais na América Latina: Cenários, proposições e resultados. In: NETO, Antônio Cabral; CASTRO, Alda Maria; FRANÇA, Magna; QUEIROZ, Maria Aparecida (Orgs.). **Pontos e contrapontos da política educacional**: uma leitura contextualizada de iniciativas governamentais. Brasília: Líber Livro, 2007.p.13-50.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 7.ed.São Paulo: Cortez, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **A nova lei da educação**: trajetórias, limites e perspectivas. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

TONET, Ivo. **Um novo horizonte para a educação**. 2007. Disponível em: [http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/UM\\_NOVO\\_HORIZONTE\\_PARA\\_A\\_EDUCACAO.pdf](http://www.ivotonet.xpg.com.br/arquivos/UM_NOVO_HORIZONTE_PARA_A_EDUCACAO.pdf). Acesso em fev.2012.

